4

Thanatos e Civilização

4.1

Aspectos Gerais

É certo que falar da pulsão de morte nas formações da cultura é uma magna tarefa. Mas o sujeito pulsional e o cidadão culturalmente implicado, não são categorias excludentes. Nossa mente está no mundo e não no nosso cérebro, não podemos tratá-la como um domínio enclausurado em si mesmo.

É clássica a referência freudiana sobre o outro, sobre o estranho. O estrangeiro terá sempre uma faceta estranha e odiosa, mas sua presença é necessária para não permanecermos numa mesmidade mortífera, que nos leva a apodrecer, como descreve o mito de Narciso que definhou até virar flor pela falta de alteridade.

No capítulo anterior, vimos que a aversão ao que é estranho, nos momentos fundadores da constituição do sujeito, desencadeia toda uma série de movimentos projetivos, cuja finalidade é expulsar a pulsão destrutiva para fora do eu. Se por um lado, a destrutividade tem em si um efeito benéfico, parece-nos que a um só tempo, esta teoria sobre a constituição do sujeito freudiano, que no princípio rechaça o que é diferente de si, por força e expressão de seu narcisismo, poderia ser bem aplicada na explicação da gênese da xenofobia, por exemplo, tão atual em tempos como o nosso, em que assistimos o retorno de seitas e de religiões animistas, fundamentalismos étnicos, religiosos e nacionalistas. Estamos falando tanto dos Talibãs, quanto do *jhirad* islâmico, e do fundamentalismo ocidental e cristão, representado pelo atual presidente dos Estados Unidos, notadamente o senhor da guerra, que evocando seu antecessor⁶⁰, nos fala do *eixo do mal*, aonde alinha as nações que são contrárias a seus interesses de potência hegemônica.

⁶⁰ Ronald Reagan, falava do império do mal, para designar a antiga União Soviética.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud explica detalhadamente, isso que em 1930, ele vai retomar, e que chamou de *narcisismo das pequenas diferenças*, que é o fenômeno que predomina nos atos de segregação.

Esse amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração.⁶¹(...) é inequívoco que, com relação a tudo isso, os homens dão provas de uma presteza a odiar, de uma agressividade cuja fonte é desconhecida, e à qual se fica tentado a atribuir um caráter elementar (Freud, 1921:129).

Freud é categórico, em relação ao indivíduo como também ao grupo, para que haja o *um* tem que haver o *outro*, e originalmente não existe harmonia entre eles. “(...) ou seja nada como um bom inimigo. Não se pode dizer que até o momento a história o tenha desmentido” (Soler, 1998: 299).

Em *O mal estar na civilização*, Freud evoca novamente ⁶² a rivalidade entre países vizinhos, entre o norte e o sul, entre o ariano e o semita e daí por diante. “É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade” (Freud, 1930:136). Em seguida chega a afirmar que o povo judeu prestou um serviço de grande utilidade à civilização, prestando-se a ser objeto das pulsões destrutivas, e ajudando portanto a drenar o contido no interior para o exterior.

Não é de hoje que o mundo assiste esta intolerância com a alteridade. Senão vejamos, o que dizer do *apartheid*, da ascensão do nazismo, da perseguição anti-semita e da Segunda guerra mundial, que conduziu à *Shoah* e à disjuntiva de morrer nos fornos, ou à diáspora para sobreviver? Pergunto-me se existe mais violência hoje do que em outros períodos da história da humanidade. A ocorrência de 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque contra o *World Trade Center* chocou a muitos de nós, mas terá sido mais violenta do que as Santas Cruzadas, do que o genocídio no Vietnã, do que as colonizações e a escravatura, além de uma

⁶¹ Como não evocar aqui as palavras do presidente atual da América que nos fala que *aqueles que não estão conosco, estão contra nós*.

⁶² Ele já o tinha feito antes em *Psicologia de Grupo e análise do eu*.

inumerável constelação de episódios que são marcas inegáveis da violência na cultura?⁶³

Já há muito, os vínculos entre a experiência analítica e a complexidade dos fenômenos sociais espreitam nossas indagações. Desde a invenção do mito da horda e da morte do pai primevo como fundador do laço social e da cultura (1912), Freud sela um enlace do nosso trabalho com as questões da civilização.

A fronteira entre psicanálise e cultura é complexa, e Freud indica que ao analisar a cultura com nosso instrumental, procedemos por analogia (Freud, 1939). Os enigmas são muitos e o campo de trabalho a ser explorado é de molde a nos solicitar, aos psicanalistas, a não recuar. Dentro de nossa clínica, os horrores do mundo atual invadem o espaço privado e se instalam nos nossos divãs, no fluxo discursivo dos pacientes. Os efeitos do público se fazem sentir no privado. Vemos como esta premissa é extremamente atual, muito embora ela já fosse presente quando Freud teorizou sua metapsicologia. Podemos tomar como exemplo, a instância do supereu, que inspirada na tragédia de Sófocles, é também a interiorização de proibições culturais, mediada pela figura dos pais e de seus sucedâneos. Este é um dos vetores metapsicológicos que sugerem uma relação de inclusão do singular no coletivo e vice-versa.

Neste contexto, a relevância de retomarmos a pulsão de morte, para entendê-la num outro cenário que não somente o psíquico, é que o jogo que se desenvolve, sob o pano de fundo de Thanatos, acaba por revelar características absolutamente humanas. Entre outras, que podem ser resumidas sob a égide de uma existência finita, uma das características que o conceito de pulsão de morte traz à baila, é a questão da destrutividade humana e no atual cenário global, este tema continua na ordem do dia, sendo fonte de preocupação para nós, tal como o era para Freud, quando o cunhou em seu *Além do princípio do prazer*, e tal como sempre o foi desde tempos imemoriais. Estas características que são a marca distintiva da pulsão de morte, remetem ao modo como pensamos ou descrevemos a natureza humana.

⁶³ Temos que acrescentar aqui o fato horrorizante, ocorrido recentemente, bem próximo a nós, quando uma menina de apenas 13 anos ateia fogo num ônibus repleto de pessoas; das quais cinco foram queimadas vivas.

Com efeito, para Freud, o homem é um ser predatório, egoísta, avesso ao trabalho, um lobo, no sentido de Hobbes ⁶⁴, que foi obrigado a fazer um pacto social com os outros homens para garantir sua sobrevivência. O problema é que este pacto exigiu um preço altíssimo. Custou à humanidade uma dolorosa *perda de felicidade* (Freud, 1930:158). Assim é que vemos desenhar-se em Freud, a tese de que entre as fontes desta infelicidade está a civilização, sem a qual não podemos sobreviver, mas que nos impõe sacrifícios e impedimentos à satisfação pulsional, que nos impedem de realizar o *programa do princípio do prazer*.

No plano de Eros, a humanidade foi forçada a abrir mão do incesto e da *perversidade polimorfa* ⁶⁵, em prol da sexualidade exogâmica, da genitalidade e da monogamia. No plano de Thanatos, o homem teve de renunciar a seus impulsos agressivos e voltá-los conta si próprio sob a forma de culpabilidade. Freud, é taxativo quanto ao fato: “Este é um dos perigos para a saúde com que os seres humanos se defrontam em seu caminho para o desenvolvimento cultural” (Freud, 1938:175). Assim, ao invés de conquistar satisfação plena pelas vias pulsionais, a humanidade teve um aporte de mal-estar, sob a forma de frustração e de sentimentos de culpa que aumentam a cada renúncia desta ordem (Freud, 1930:163).

Após esta reflexão, cabe, então, retornarmos mais uma vez ao texto de Freud:

(...) os homens **não são**⁶⁶ criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus* (Freud, 1930:133).

⁶⁴Thomas Hobbes utilizava uma expressão em latim que foi retomada por Freud, *Homo homini lupus*, que significa que o homem é o lobo do homem. Hobbes defendia a idéia de que na luta pelo poder, todos os homens são iguais, pois os homens por natureza teriam potencialidade para matar-se uns aos outros. Daí a necessidade de um Estado, para trazer segurança ao indivíduo que se sente ameaçado por seus semelhantes. (ARENDDT, 1997:169).

⁶⁵ Termo usado por Freud, para descrever a sexualidade humana em 1905, no artigo *Três ensaios sobre a sexualidade*.

⁶⁶ O grifo é meu.

Neste caso o princípio desagregador, corresponde à inclinação originária dos homens para a agressividade, “(...) que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros” constituindo “o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio de energia” (Freud, 1930:134). A satisfação dessa agressividade é o que Lacan articula depois, retomando Freud, como um mal que “comporta o mal do próximo” (Lacan, 1960:225), mas que “(...) habita também em mim” (Lacan, 1960:227).

A partir daí, Freud desenvolve toda uma teoria que demonstra o caráter de autonomia da agressividade em relação à libido, passando a ser considerada como a mais pura expressão da pulsão de morte em seu direcionamento para o exterior e voltada para o próximo. Em 1930, ele aplica explicitamente, sua teoria da pulsão de morte ao domínio da civilização. Veremos neste último capítulo, como ao longo de sua argumentação naquele artigo, ela perde nitidamente o caráter de hipótese especulativa e passa a ser postulada como princípio explicativo tanto da gênese, como da evolução e da possível destruição da espécie humana civilizada.

Como sabemos a pulsão de morte - *Thanatos* tem sua contrapartida na pulsão de vida - *Eros*. No artigo de 1930, Freud conceberá a vida como a luta entre os dois grupos de pulsões. A relação de alteridade vai tomar uma importância crescente na elaboração teórica de Freud. Para ele, as relações intersubjetivas desde o início são dominadas pela ambivalência, determinadas, portanto, não só pela libido, mas também pelo ódio e pela agressividade contra os outros homens.

Munido dos conceitos de Eros como princípio de coesão, e da pulsão de morte como ferramenta de análise dos componentes destrutivos, ele descobrirá que o homem exerce sua agressividade não apenas no plano erótico, mas também e sobretudo no domínio social, nas relações que estabelece com seus semelhantes e que se revelam no que denomina a *civilização*. É por isso que Freud é conduzido a considerar cada vez mais de perto a dinâmica da cultura. Para ele a cultura não pode tolerar este grau de violência, sob pena de se desintegrar, por isso exige a domesticação das pulsões originais.

Veremos que é mediante a estruturação do supereu que a civilização dirige a agressividade contra o próprio sujeito, e sob a forma de culpabilidade apresenta-

se para ele com a mesma crueldade que estaria destinada aos seus semelhantes. A progressão do sentimento de culpabilidade na cultura ocidental, ligada à renúncia da agressividade contra os outros está na base do funcionamento superegóico, que é um dos temas que Freud desenvolve em *O mal-estar na cultura* e que sustenta até o final de sua vida.

Quando o superego se estabelece, quantidades consideráveis da pulsão agressiva, fixam-se no interior do ego e lá operam auto destrutivamente. Este é um dos perigos para a saúde com que os seres humanos se defrontam em seu caminho para o desenvolvimento cultural (Freud, 1938:175).

4.2

O mal nosso de cada dia

*Pois todas as coisas do Vácuo
Invocadas, merecem ser destruídas...
Assim, tudo o que como Pecado classificastes,
Destruição, algo com o mal mesclado,
Esse é o meu próprio elemento.*
(Goethe, In . Fausto, citado por Freud, 1930:143)

Vamos retomar a afirmação de Freud, de 1930, no artigo *O mal estar na civilização*, segundo a qual “a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição pulsional original e auto – subsistente” (FREUD, 1930:144) para destacar a hipótese por ele sustentada, de uma destrutividade fundamental inerente ao ser humano e não tributária da sexualidade, tornando explícita a tese do *Homo homini lupus*.

Sei que no sadismo e no masoquismo sempre vimos diante de nós manifestações da pulsão destrutiva (dirigidas para fora e para dentro), fortemente mescladas ao erotismo, mas não posso mais entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiqüidade da agressividade e da destrutividade não eróticas e falhado em conceder-lhe o devido lugar em nossa interpretação da vida (Freud, 1930:142).

A temática freudiana de uma destrutividade original do ser humano é cheia de voltas, cada uma mais difícil de apreender do que a outra. Para pensá-la é muito esclarecedora a análise do Professor Luiz Alfredo Garcia-Roza quando

afirma que a destrutividade, em Freud não é considerada “(...) como uma propensão, inclinação ou tendência, mas como um *princípio*, isto é, como algo que está presente a cada momento regendo cada começo” (Garcia-Roza,1990:155).

Ao longo deste estudo, venho formando a convicção de que esta destrutividade freudiana, para além do efeito maléfico que possa ter enquanto destrutividade furiosa e desgovernada, dirigida para fora ou para dentro, tem um objetivo bem definido, que é, sobretudo, estabelecer a distância ótima dos outros homens, para possibilitar que anteriormente o sujeito se constitua e depois que as relações existam. Lembramos de uma passagem que Freud recolhe de Schopenhauer ⁶⁷, um ano depois de ter cunhado seu conceito de pulsão de morte, para explicar sua teoria de até onde um ser humano pode se acercar do próximo:

Mantenhamos perante nós a natureza das relações emocionais que existem entre os homens em geral. De acordo com o famoso símile schopenhaueriano, sobre os porcos – espinhos que se congelam, nenhum deles pode tolerar uma aproximação demasiado íntima com o próximo (Freud, 1921:128).

A metáfora dos porcos-espinhos num dia gelado de inverno transmite a idéia de que os seres humanos são naturalmente refratários ao contato com seus semelhantes; mas como estão condenados a viver juntos, devem como os porcos-espinhos da fábula, manter-se razoavelmente afastados uns dos outros, a fim de preservarem a individualidade salutar sem terem que romper um elo social indispensável. Só podemos nos aproximar de nossos semelhantes, até certo limite, além do qual surgirá a destrutividade como uma proteção contra o excesso do outro. Neste sentido, a destrutividade da pulsão de morte estaria a serviço do Eu, que luta para estabelecer os limites de seu território, desde sua constituição. Assim sendo, sempre quando suas fronteiras forem invadidas, o eu reagirá com sentimentos de hostilidade e de agressividade, como medidas protetoras para salvaguardar seus espaços invadidos ou ameaçados por forças forâneas.

⁶⁷ Trata-se de uma passagem retirada dos *Parerga et paralipomena*. Relata a trágica alternativa dos porcos-espinhos condenados, por um rigoroso inverno, a escolher entre morrer de frio, permanecendo isolados uns dos outros, ou ferir-se uns aos outros com seus espinhos, aproximando-se para se protegerem do frio.

Freud não deixa de evocar o resíduo de hostilidade que impregna mesmo as relações mais intensas e carinhosas entre os homens e diz que a psicanálise tem provas,

(...) que demonstram que quase toda relação emocional íntima entre duas pessoas (...) contém um sedimento de sentimentos de aversão e hostilidade, o qual só escapa à percepção em consequência do recalque. (Freud, 1921:128).

Esta tese será aplicada à cultura. No artigo *O mal estar na civilização*, Freud vai nitidamente, reconstituir a gênese da civilização a partir da gênese do sujeito. Para ele a civilização está atravessada por forças contraditórias. O mesmo dualismo que rege a vida psíquica _ pulsão de vida, *versus*, pulsão de morte _ se manifesta na civilização. O trabalho da civilização é conduzido por Eros, cuja função é ligar unidades cada vez maiores: famílias, povos, nações, humanidade. Este objetivo, contudo, é contrariado pelas forças de Tanatos, a pulsão de morte, que voltada para fora, pode virar pura destrutividade desgovernada. Nesta *batalha de gigantes*, entre os dois *poderes celestes*, espera-se que Eros possa levar a melhor. “Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?” (Freud, 1930:171).

Sumariamente, a idéia de que o ódio estabelece a fronteira entre o eu e o outro por um lado, e por outro a idéia de que a vocação de Eros é criar conjuntos cada vez mais vastos, são idéias que estão embutidas no conceito de *narcisismo das pequenas diferenças*, cunhado por Freud no quinto capítulo de *O Mal estar na Civilização*, e que designa uma tendência a “apagar as diferenças no interior do grupo ao fazer a diferença passar por fora” (Rey-Flaud, 2002:43), voltando os sentimentos de hostilidade para fora da comunidade. Ele diz que não é fácil para os homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão, e nos informa que:

A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a essa pulsão um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um número considerável de pessoas no amor, enquanto sobrarem outras pessoas para receberem a manifestação de sua agressividade (Freud, 1930:136).

É notável que também aqui no que tange à formação dos grupos, a destrutividade da pulsão de morte vai ter um efeito positivo, é que em Freud, este outro - odiado, tem uma função econômica importantíssima, sua ausência pode provocar o retorno do ódio para o interior da comunidade e exterminá-la. Neste sentido, como um redirecionamento de um risco mortífero, a destrutividade tem em si um efeito benéfico.

Contudo, devemos deixar claro, que nós não queremos com isto assumir uma postura de omissão grosseira ou de desconhecimento de evidências elementares, já que também o mesmo fenômeno do *narcisismo das pequenas diferenças*, está na origem de fatos negativos como o racismo “que traduz o mesmo ódio da diferença em nome da *in-diferença* mantida entre os membros da comunidade” (Rey-Flaud, 2002:43). Este fenômeno, sobre o qual Freud se debruça, leva os membros de uma mesma comunidade a abrigar-se em sua identidade coletiva, hostilizando os membros de outros grupos. Esta coesão é a consequência do deslocamento da destrutividade da pulsão de morte para fora, cujo resultado pode ser também, o nacionalismo exacerbado, a rivalidade entre os países e por fim a guerra.

É baseado nisto que Freud não se cansa de nos alertar, para o fato de que a civilização tem necessidade de direcionar a agressividade de seus membros, de forma que ela não os extermine. Sua tese é de que esta destrutividade ameaça constantemente a civilização e deve ser inibida. A civilização cumpre esta meta, exigindo renúncias que são impostas em parte pela autoridade externa, e em parte pela ação da autoridade externa introjetada: o supereu, que vem a ser como já vimos a continuação psíquica do pai e dos seus sucedâneos no mundo adulto. Ao interiorizar a agressividade sob a forma de supereu, a civilização encontrou um meio eficiente de utilizá-la adequadamente às suas finalidades, ela retorna contra o sujeito a agressividade que seria dirigida para seus semelhantes e daí resulta o sentimento de culpa. Citamos Freud:

Sua agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada de volta para o lugar de onde proveio (...) A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada (Freud, 1930:146/147).

A partir daí, chega-se a um paradoxo: a de que a civilização só se mantém, ao estabelecer dentro de si uma força destrutiva, mesmo que sob a forma de um supereu, que engendra culpas e proibições. Este é o mal-estar engendrado pela cultura. Raulet captou bem esta dialética:

A civilização só se sustenta graças à pulsão de morte colocada à serviço da moral (...) a sociedade só sobrevive e ultrapassa a agressividade por meio da agressividade interiorizada e da pulsão de morte (Raulet, 2002:78).

A civilização exige um preço muito alto, em termos de renúncia pulsional a todos os que escolhem compartilhar de seus benefícios. Os sentimentos de culpa e as frustrações à satisfação libidinal são indissociáveis da vida civilizada, em virtude da dinâmica complexa que se dá entre Eros e Tanatos. Para Freud, é através de um reforço dos sentimentos de culpa, que se pode assegurar à civilização uma sobrevivência relativamente pacífica.

Freud (1930) explica que há um motivo para que o homem submeta seus pensamentos e sentimentos a essa influência que julga, que vigia e que pune, representada pelo supereu ⁶⁸. Por conta de seu desamparo natural e de sua dependência em relação aos outros homens, ele teme perder o amor dos outros, perda esta que se traduziria por indiferença ou por uma punição direta.

Lembremos que uma das funções do supereu é a de consciência moral, que por seu caráter de interdição, origina os sentimentos de culpa. O primeiro momento da consciência moral é o medo der descoberto pelo outro, ao praticar um ato reprovável. Destacando este aspecto superegóico, Freud diz que:

De início, portanto, mau é tudo aquilo que, com a perda do amor, nos faz sentir ameaçados. Por medo dessa perda deve-se evitá-lo. Esta também é a razão por que faz tão pouca diferença que já se tenha feito a coisa má ou apenas se pretenda faze-lo (Freud,1930 147/148).

⁶⁸ Convergem para o conceito de supereu três funções básicas: a auto-observação, a consciência moral e a manutenção dos ideais (FREUD, 1932:86).

Ele nos informa que o risco de ser descoberto em sua *má ação* perde força e significado, na medida em que com o surgimento do supereu, as proibições foram introjetadas e “nada pode ser escondido do superego, sequer os pensamentos” (Freud, 1930:148). Assim, na psique humana, fazer algo condenável ou apenas desejar fazê-lo se equivalem.

Esta internalização da autoridade, que se dá pela identificação com a instância parental, está na gênese dos sentimentos de culpa. Enquanto a proibição se dava no exterior, o sujeito podia ser uma simples vítima inocente, mas na medida em que a interdição é ditada por uma consciência moral interna ao sujeito, ele não poderá mais refugiar-se na inocência, posto que se tornou seu próprio acusador. Daí o caráter onisciente e onipresente do supereu.

O medo de uma autoridade externa antes e originalmente, e do supereu posteriormente, são para Freud as duas origens do sentimento de culpa. Apoiado nisso ele diz que o homem teve que trocar a ameaça de uma infelicidade externa, “por uma permanente infelicidade interna, pela tensão do sentimento de culpa” (Freud, 1930:151). Está posto o mal – estar: A civilização, sem a qual não poderíamos subsistir, nos impõe sacrifícios que nos impedem de realizar o programa do princípio do prazer. Freud conclui que:

(...) de início, a consciência (...) é na verdade, a causa da renúncia pulsional, mas que posteriormente, o relacionamento se inverte. Toda renúncia à pulsão torna-se agora uma fonte dinâmica de consciência e, cada nova renúncia aumenta a severidade e a intolerância desta última (Freud,1930:152).

Assim, a civilização ao exigir cada vez mais renúncias, confronta o homem com a agressividade que o habita de alto a baixo, através de sua própria consciência vigilante, “(...) que constitui precisamente a marca distintiva de um homem moral” (Freud,1930:149). Mas enquanto destrutividade introjetada, ela é também a marca da pulsão de morte que habita o sujeito de dentro a fora e o constitui como tal.

A partir disto no que toca á idéias como as de Freud, cabem as seguintes perguntas: Enquanto sujeito dessa condição de destrutividade inerente, pode um ser humano se salvar? Existe felicidade possível?

Sem que possamos mais nos agarrar às antigas convicções e num mundo onde não podemos simplesmente resignar-nos á desesperança, resta tentar responder a estas perguntas que nos remetem a pensar sobre o que seria o bem para cada um, e neste sentido não podemos deixar de evocar com Freud, as palavras de Frederico o Grande: “Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (Freud, 1930:103).

Então, no projeto civilizatório freudiano, cada um de nós terá que pagar por si, com a sua própria libra de carne.

4.3

A felicidade que é possível

O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança (Freud,1930:137).

Vimos que *O Mal Estar na Civilização*, trata do sofrimento específico, engendrado pela nossa relação com os outros homens, cuja proximidade excessiva pode ser extremamente perturbadora e desconcertante. Neste artigo, Freud sustenta a tese de que mesmo diante dos avanços tecnológicos que permitiram que o homem dominasse a natureza hostil cada vez melhor, como se fosse um *Deus de prótese*, ainda assim “(...) **atualmente** ⁶⁹ o homem não se sente feliz em seu papel de semelhante de Deus” (Freud,1930:112).

Para Freud, nem mesmo a ciência pode realizar a utopia de uma vida plena, pois se o progresso técnico tem algum valor sobre a economia da felicidade, permitindo ao homem ultrapassar os limites de seu corpo e de sua imaginação, ainda assim, uma cota de desconforto do homem moderno também é devida a estas mesmas conquistas que o transformaram nesse Deus de artifícios.

Nos princípios do século passado o avanço da civilização e a complexificação dos meios de comunicação, não deixaram de maravilhar Freud,

⁶⁹ O grifo é meu.

que afirmava os benefícios destas conquistas e a possibilidade de tornar mais acessível o prazer à humanidade: as ferrovias que encurtam as distâncias, o telefone que aproxima as pessoas, a medicina que prolonga a vida, e próteses de todos os tipos que ampliam os limites do funcionamento humano, colocando mais recursos à sua disposição. Porém, vemos o mesmo Freud tributar a essas mesmas conquistas humanas um excedente de mal-estar. A ambivalência dele diante das conquistas de seu tempo se expressa no trecho abaixo:

Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle que com sua ajuda não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso e é daí que provém grande parte de **sua atual** ⁷⁰inquietação, de sua infelicidade e ansiedade. (Freud,1930: 170)

A atualidade à que Freud se refere como homem preocupado com as questões de seu tempo, remonta a mais de setenta anos atrás, e a meu ver nada tem de anacrônico para nós contemporâneos do final do século XX, que além dos horrores da guerra generalizada, do totalitarismo, do medo e da destruição, assistimos também aos horrores de uma pobreza galopante, do desemprego crônico, da criminalidade sem controle, da fome, da falência dos serviços de saúde, educação e previdência social.

Essa violência que nos atinge a todos está também referida a um quadro, onde o próprio Estado se destrói, através da corrupção generalizada e roubalheiras imensas, e da má gestão dos recursos públicos. Tudo isso apesar do desenvolvimento crescente da ciência e da tecnologia, que a princípio deveriam nos oferecer algum refúgio contra o mal-estar, mas ao contrário, não nos tornou mais felizes. Por todas estas razões me parece que a atualidade das teses de Freud sobre a infelicidade do homem civilizado, se impõe para nós ainda hoje, num tempo por si só portador de um desencanto, que é dentre outras coisas expressão deste mal-estar na cultura.

Conhecemos bem a força silenciosa da pulsão de morte que pode tornar-se bastante barulhenta, quando dirigida para fora. Força esta, sempre rejeitada pelas “criancinhas que não gostam quando se fala na inata inclinação humana para a

⁷⁰ O grifo é meu.

ruindade, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade” (Freud,1930:142).

Este tema me parece que constitui a originalidade deste estudo de Freud, que fala do fracasso da cultura em abrandar o mal-estar que vem a ser paradoxalmente e a um só tempo, o resíduo e a causa do processo civilizatório; é neste sentido que nos permitimos falar de um certo pessimismo que perpassa as teses de o *Mal-estar na Cultura*. É a discussão sobre a felicidade que ocasiona estas considerações pessimistas. Coloca-se para Freud, a questão sobre qual seria o objetivo da vida para os homens:

O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer (Freud,1930:94).

Contudo, ele conclui que a civilização se opõe à realização do programa do princípio do prazer e prossegue dizendo que: “Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘criação’” (Freud,1930:95). Para ele aquilo que no seu sentido estrito se chama *felicidade*, corresponde a um fenômeno episódico. Daí deriva para Freud, a necessidade humana de fabricar ilusões, entre as quais, a ilusão religiosa, que ajuda a humanidade em seu desamparo, criando a figura de um pai transcendente, que oferece a promessa da bem-aventurança eterna, que é a compensação pela infelicidade terrena. (Freud, 1927 a:29)

Serão destacados por Freud três tipos de agentes de infelicidade: o corpo, destinado à decadência e à dissolução, que é fonte de sofrimento originado da pressão exercida pelas pulsões, não podendo prescindir da dor e da angústia como sinais de advertência; o mundo _ sede de agressões externas, impiedosas e destruidoras, que nos ameaça com a possibilidade de nosso próprio apagamento enquanto seres vivos e finalmente os nossos relacionamentos com os outros homens, que engendram um sofrimento ainda mais terrível que as exigências do corpo e do mundo.

Concordamos com Rey-Flaud quando afirma que: “A natureza do Outro, cuja civilização sustenta a figura, constitui o paradoxo do sujeito humano” (Rey-

Flaud, 2002:22). É que o humano na origem apreende o outro como instância estrangeira e hostil, e desconhece que ele é na realidade aquele que o constitui ele mesmo como sujeito, conforme o esquema bem conhecido por nós: aquilo que é bom é introjetado e o que é mau é expulso. Esta matriz fundadora da experiência psíquica que rege o funcionamento do eu mais primitivo, tem suficiente lastro na teoria psicanalítica⁷¹ e ensina que sem o seu semelhante, não só o homem provavelmente não sobreviveria, como dificilmente existiria.

É neste sentido, que Rey-Flaud, retoma Freud para dizer que é a existência dos outros homens que torna o mal-estar irreduzível, porque “(...) o homem se revolta de fato contra aquilo que o faz homem”.⁷² É este o paradoxo que ele sublinha quando diz que: “(...) o sujeito humano se encontra na posição da pomba de Kant, irritada contra o ar que impede o seu vôo, mas que ignora que sem o ar a questão do seu vôo não se colocaria” (Rey-Flaud,2002:23).

Diante deste quadro, Freud nos diz que a humanidade sempre poderá lançar mão de *medidas paliativas*, contra o sofrimento, como lançar mão de satisfações substitutivas, que o diminuam ou usar substâncias tóxicas que nos torne insensíveis a ele. Também a arte, a religião e a ciência entram no rol das *construções auxiliares* da cultura como um refúgio contra o mal-estar que nos assola enquanto homens civilizados. (Freud, 1930:93)

Em Freud, assim como a supressão completa do mal-estar na cultura é algo da ordem do impossível, também o mandamento cristão que diz ‘*Amarás a teu próximo como a ti mesmo*’ é uma exigência cultural incumprível, “(...) pelo fato de nada ir mais fortemente contra a natureza original do homem” (Freud,1930:134). O amor ao próximo é o reverso do ódio, que em Freud é mais antigo que o amor⁷³. É que no processo de formação do eu, que luta pela sua preservação e pela sua afirmação, o ódio pelo semelhante, será recalcado e voltará invertido sob a forma de amor ao próximo. Está dada a matriz da ambivalência de amor e de ódio, que está presente desde o começo na teoria freudiana, em todas as relações humanas e que inviabiliza qualquer projeto comunitarista, seja ele cristão ou totalitarista, de abolir a diferença.

⁷¹ Cf. Freud, S., As pulsões e suas vicissitudes.

⁷² Idem.

⁷³ Cf. Freud, S., As pulsões e suas vicissitudes. Imago, 1974, RJ. P.

No nível da civilização freudiana, a exigência de amar ao próximo como a si mesmo, embora seja incumprível, é propriamente uma expressão do superego cultural e está pautada, na necessidade da civilização de proteger o conjunto da humanidade dos efeitos do retorno do ódio. Este mandamento nos lembra de que forma a civilização retorna contra o indivíduo a agressividade que lhe proíbe de dirigir aos seus congêneres.

Na luta civilizatória, que se dá desde o início da humanidade, entre Eros e Tanatos, o primeiro que é responsável por criar unidades cada vez maiores, só pode realizar sua missão civilizatória, quando unido ao sentimento de culpa, resultado do recalçamento do ódio e expressão de seu retorno contra o indivíduo.

Paradoxalmente, Freud sustenta que muito embora Eros trabalhe a favor da civilização, pois seu trabalho é constituir unidades cada vez maiores, involuntariamente ele acaba por servir ao objetivo de Tanatos. É que o projeto civilizatório erótico, ao se inscrever numa tendência à uniformização, tende a apagar as diferenças nos conjuntos que constitui, pois a integração num conjunto mais complexo limita ou faz desaparecer a unidade individual. Isto acaba por instituir no interior destes grupos o princípio de uma crescente indiferenciação, que é própria do inanimado. Destarte, se houvesse a ação exclusiva de Eros, todas as diferenças se anulariam numa grande unidade final, fazendo desaparecer o sujeito que só pode ser concebido na diferença e na alteridade que o constitui.

Assim entendida, a destrutividade da pulsão de morte é potência criadora também, e a pulsão de morte ganha um colorido de positividade, na medida em que impede a permanência das totalidades constituídas, promovendo a emergência do novo. Na releitura que Lacan faz do conceito freudiano, a pulsão de morte “(...) é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar” (Lacan, 1960:260). Entendemos com Lacan, que a vontade de destruição que caracteriza a pulsão de morte é o que põe em causa tudo o que existe, impedindo a cristalização das formas constituídas por Eros, possibilitando assim novos começos e novas possibilidades de realização.

Constatamos que não há nada mais plástico que a pulsão, a qual pode tomar diversas formas: disfarçar-se, mudar de figura, de objeto, de via, até alcançar a satisfação. Esta plasticidade condiciona todas as realizações humanas (...) (Soller, 1998:469)

Dáí conclui-se que se por um lado o sujeito freudiano, é dotado de um equipamento pulsional que limita suas possibilidades de felicidade, de outro lado, a felicidade que é possível atingir dentro da perspectiva de uma vida comunal, só é pensável porque este mesmo equipamento pulsional, que inclui a vontade de destruição e a sexualidade, é uma exigência de trabalho que fornece o fator impulsionador, que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas, mas “pressiona sempre para frente, indomado” (Freud,1920:60).

É porque o sujeito freudiano é pulsional, que ele está comprometido com um movimento de busca incessante por felicidade, que o aguilhoa para frente. Mesmo não obtendo satisfação plena, a pulsão sempre encontra alguma satisfação, e esta mistura de insatisfação com instantes de saciação, é o que reassegura ao sujeito que é possível ser feliz, e é o que vai mantê-lo em movimento, em busca do repouso pulsional.